

ARTIGO ORIGINAL

Reconfigurar o espaço com base em imagens: Atlas Visual Infinito da zona ribeirinha de Lisboa

*Reconfiguring space based on images: Infinite Visual Atlas
of Lisbon's riverfront*

Teresa Madeira da Silva¹, Caterina Di Giovanni²

Resumo

O artigo apresenta a investigação sobre a zona ribeirinha de Lisboa realizada pelo Laboratório Lisboa e o Rio (constituído por 12 estudantes, 1 professor e 2 investigadores), no âmbito do Mestrado Integrado em Arquitetura do Iscte (2020/2021). Com base numa grelha conceptual associada a imagens e constituída por diferentes categorias – Topografia, Fronteira/Limite, Memória, Infraestruturas, Paisagens Frágeis, Ícones, Acontecimentos, Mobilidade, Vida, (Im)previsibilidade e Utopia – foi construído um atlas visual da zona ribeirinha de Lisboa de modo a compreender o território e dar-lhe novos significados (Laboratório Lisboa e o Rio, 2021a). O objetivo central foi perceber a origem e evolução do edificado existente e as dinâmicas da população ribeirinha, para posterior realização de propostas arquitetónicas de regeneração da linha de costa. O Atlas Mnemosyne, de Aby Warburg (2010), foi a principal referência. A metodologia teve por base a pesquisa de bibliografia e imagens de arquivos da Câmara Municipal de Lisboa, do Porto de Lisboa, do Museu de Lisboa, da Biblioteca Nacional, entre outros, e de sites e páginas web. Produzir o atlas foi “reconfigurar o espaço, redistribuí-lo, desorientá-lo” (Didi-Huberman, 2010, pp. 6-7), de modo a construir uma geografia alternativa, uma nova forma de ver e dar a ver, associando diferentes matérias recolhidas ao longo do tempo. Combinar imagens e realizar conexões inesperadas, a partir de diferentes categorias que construíam uma linha de pensamento, fez descobrir olhares diferentes sobre a zona ribeirinha e, com isso, criar uma base de investigação para a realização de propostas arquitetónicas de regeneração da linha de costa.

Palavras-chave: atlas visual, memória, paisagens frágeis, regeneração urbana, infraestruturas

Abstract

The article presents the research on Lisbon's riverside area carried out by the Lisbon and the River Laboratory (12 students, 1 professor and 2 researchers), as part of the Integrated Master's Degree in Architecture at Iscte (2020/2021). Based on a conceptual grid associated with images and made up of different categories – Topography, Border/Limit, Memory, Infrastructures, Fragile Landscapes, Icons, Events, Mobility, Life, (In)predictability and Utopia – we built a visual atlas of Lisbon's riverside area in order to understand the territory and give it new meanings (Laboratório Lisboa e o Rio, 2021a). The main objective was to understand the origin and evolution of the existing buildings and the dynamics of the riverside population, in order to subsequently realise architectural proposals for regenerating the coastline. The Mnemosyne Atlas by Aby Warburg (2010) was the main reference. The methodology was based on bibliographical research and images from the archives of Lisbon City Council, the Port of Lisbon, the Lisbon Museum, the National Library, among others, and from websites. Producing the atlas meant 'reconfiguring space, redistributing it, disorientating it' (Didi-Huberman, 2010, pp. 6-7), in order to build an alternative geography, a new way of seeing and making visible, associating different materials that we have collected over time. Combining images and making unexpected connections from different categories that built a line of thought, allowed us to discover different views of the riverside area and, with this, create a research base for the realisation of architectural proposals for the regeneration of the coastline.

Keywords: visual atlas, memory, fragile landscapes, urban regeneration, infrastructures

¹ DINÂMIA'CET-IUL, Instituto Universitário de Lisboa, Portugal, teresa.madeira@iscte-iul.pt

² Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, Portugal, caterina.digiovanni@ics.ulisboa.pt

1. Introdução

No âmbito do Laboratório Lisboa e o Rio (de Projeto Final de Arquitetura 2020/2021 constituído por 12 estudantes, 1 professor e 2 investigadores/orientadores do Mestrado Integrado em Arquitetura do Iscte - 2020/2021)¹, foi proposto investigar a zona ribeirinha de Lisboa a partir da pesquisa e da observação do lugar. O objetivo final do Laboratório era elaborar uma proposta de regeneração da linha de costa na zona do aterro da Boavista através da realização de projetos de arquitetura e da organização do espaço urbano. A sensibilidade ao lugar, dada a importância desta zona da cidade de Lisboa e a atual vulnerabilidade da zona devido às consequências das alterações climáticas nas zonas costeiras, era um dos pontos de partida para o projeto.

Para enquadrar o desenvolvimento do trabalho de projeto a realizar pelos estudantes para a linha de costa junto ao aterro da Boavista, a investigação para a concretização de um Atlas Visual para a zona ribeirinha teve como ponto de partida três tópicos de carácter projetual. O primeiro tópico considera a arquitetura como prática artística e exalta as questões da forma, da luz, dos volumes, da proporção, do conceito, considerando que a criação de uma teia de relações entre construído e vazio pode proporcionar experiências únicas. O segundo tópico aborda a arquitetura como sistema e procura levar à compreensão de que projetar arquitetura é também construir um sistema com regras, ou seja, com base numa matriz, onde as questões de ordem e a funcionalidade são centrais. O terceiro tópico olha a arquitetura como cidade conduzindo à reflexão sobre como a arquitetura é edificadora e organizadora de cidade e que os edifícios também desenham o espaço urbano e o espaço público.

A estes três tópicos correspondiam diferentes programas de projeto que potenciavam os objetivos referidos: ao primeiro tópico associava-se um projeto para uma escola de artes preformativas (escola de música, dança e teatro), ao segundo tópico, agregava-se um projeto para um conjunto habitacional para estudantes e, ao terceiro tópico, propunha-se o redesenho do espaço urbano público.

A zona de intervenção – o aterro da Boavista em Santos, Lisboa – divide-se no sentido norte/sul pela linha do caminho de ferro (Lisboa-Cascais), em duas zonas: a zona norte, que incorpora um tecido urbano consolidado com uma malha mais apertada, limitado a nascente pelo edifício da sede da EDP (projetado por Aires Mateus e Associados em 2008 e construído em 2015 na avenida 24 de julho) e a poente pelo jardim de Santos; e a zona sul, uma zona menos construída que tem como limites a nascente e a poente, respetivamente, o cais do Sodré e o pontão onde está instalada a icónica discoteca Urban Beach. (Figura 1).

Figura 1. Aterro da Boavista, Santos, Lisboa. Zona de intervenção



Fonte: Google Earth. Adaptado pelas autoras.

¹ Cf. Laboratório Lisboa e o Rio (2021a; 2021b)

A relação da cidade com o rio é central em toda a investigação. Sendo a zona ribeirinha uma zona já identificada como vulnerável devido à previsão de inundações como consequência da futura subida do nível médio do mar (Antunes, Catita e Rocha, 2017), torna-se importante perceber como evoluiu esta zona da cidade construída sobre vários aterros, pontuada por edifícios – grandes projetos de arquitetura contemporânea cuja particularidade é serem edifícios recentes e elementos transformadores da cidade de Lisboa.

Desde cedo que podemos identificar a existência de grandes “peças” colocadas ao longo do rio, à saída de Lisboa, como é o caso do Mosteiro dos Jerónimos (séc. XVI), da Praça do Comércio (2ª metade do séc. XVIII), da Cordoaria Nacional (1779), da Central Tejo (1909) e da Feira das Indústrias Portuguesas, atual Centro de Congressos (1957) (Graça Dias, 2015). A par disso, como consequência da cidade pós-industrial, e no seguimento da operação urbanística da Expo’98, a cidade de Lisboa apontava no início do século XX para a revisão de grandes infraestruturas de acessibilidade e das superestruturas portuárias desativadas.

“O Concurso de ideias (1988), o Projeto e a construção do Centro Cultural de Belém (1988-92), os Planos Estratégicos e [o Plano] Diretor de Lisboa (1990-94), o Pozor – Plano de ordenamento da Zona Ribeirinha (1993-94) – e a decisão de realização da Expo’98 na zona oriental, são marcos e testemunhos muito recentes de uma viragem na forma de entender a relação da cidade com o rio e da oportunidade de repensar Lisboa como cidade Ribeirinha.” (Soares in Trigueiros et al., 1996, p. 19).

Neste contexto, no final do século XX e início do século XXI, assistimos à construção de importantes equipamentos culturais e arranjos do espaço público, em zonas industriais portuárias desativadas e obsoletas, que tiveram efeitos incontornáveis na transformação da cidade. Em Lisboa e junto à zona ribeirinha encontramos vários exemplos: o Centro Cultural de Belém (CCB), situado na praça do Império junto ao Mosteiro dos Jerónimos projetado por Vittorio Gregotti / Gregotti Associati e Manuel Salgado/RISCO, SA, em 1988 e construído em 1992; o Pavilhão do Conhecimento situado no Largo José Mariano Gago, projetado por João Luís Carrilho da Graça em 1995 e construído entre 1997 e 1998 e o Pavilhão de Portugal situado na Alameda dos Oceanos e projetado por Álvaro Siza Vieira em 1995 e construído entre 1997 e 1998, ambos construídos no contexto da Expo’98; o Centro Champalimaud, situado na avenida Brasília em Pedrouços, Belém, projetado por Charles Correa (arquitetura) e João Nunes/Proap (arquitetura paisagista) em 2004 e construído entre 2008 e 2010; o Museu dos Coches, situado na avenida da Índia em Belém projetado por Paulo Mendes da Rocha, MMBB e Ricardo Bak Gordon, em 2008 e construído em 2015, mais recentemente, o edifício do MAAT, o Museu de Arte, Arquitetura e Tecnologia, situado na avenida de Brasília em Belém, projetado por Amanda Levet (arquitetura) e Vladimir Djurovic (arquitetura paisagista) entre 2011 e 2013, e construído entre 2015 e 2016, e o Terminal de Cruzeiros situado na Doca do Jardim do Tabaco, projetado em 2010 por João Gomes da Silva (arquitetura paisagista) e construído em 2018. (Madeira da Silva e Di Giovanni, 2021). Outros projetos, embora não construídos, tiveram igual relevância – as Torres do Siza para Alcântara do arquiteto Álvaro Siza Vieira, apresentadas em 2003, ou a proposta do arquiteto Norman Foster para o aterro da Boavista, situada entre o Mercado da Ribeira e a Avenida D. Carlos.

2. Enquadramento metodológico

“(…) Atlas, no Oeste, (entre a Andaluzia e Marrocos) foi obrigado a sustentar com os seus ombros o peso da abóbada celeste. Conta também que carregar esta carga fez com que adquirisse um conhecimento infranqueável, e uma sabedoria desesperante. Foi precursor de astronautas e geógrafos, e inclusivamente alguns dizem que foi o primeiro filósofo. Deu o seu nome a uma montanha (o Atlas), a um oceano (o Atlântico) e a uma forma arquitetónica antropomórfica (Atlante) que serve como coluna de suporte”. (Didi-Huberman, G., 2010, p. 3)².

Para o estudo do lugar, no contexto da realização do Atlas Visual para a zona ribeirinha, a investigação partiu de duas abordagens, uma decorrente de um trabalho de pesquisa, de observação e de recolha de material gráfico e iconográfico sobre a zona ribeirinha e outra, através da observação e do

2 “ATLAS - Como levar o mundo nas costas?” Texto de apresentação de Georges Didi-Huberman da exposição homónima em cartaz no Museu Nacional Centro de Arte Reina Sofia, em Madrid, de 26 de Novembro de 2010 até 28 de Março de 2011. Texto publicado na revista *Sopro*, n. 41.

levantamento de edifícios de arquitetura contemporânea portuguesa existentes na frente ribeirinha de Lisboa, cuja particularidade era serem elementos transformadores da cidade. O objetivo central, destas abordagens tinha como propósito perceber como Lisboa, e em particular aquela zona da cidade, tinha evoluído.³

Na realização do Atlas Visual Infinito sobre a Zona Ribeirinha de Lisboa, num primeiro momento, a metodologia centrou-se na apresentação de obras de referências construídas a partir dos anos de 1980, à maneira de um guia de arquitetura. Num segundo momento procurou-se mostrar como os arquitetos trabalham (esquços, pré-existências, desenhos de obra). Por fim, do Atlas Mnemosyne de Aby Warburg (2010), foi a principal referência. A partir do Atlas Mnemosyne (Warburg, 2010), foi contada uma história que ultrapassa os esquemas históricos e geográficos, o inventário exaustivo, a classificação ou a catalogação. O objetivo era dar uma nova legibilidade à área de estudo a partir de outras configurações e diferentes analogias.

Ao iniciar a investigação para a realização do Atlas, a zona ribeirinha de Lisboa revelou-se um largo campo de análise e pesquisa, palco para a realização de um trabalho de investigação de apoio ao trabalho de Projeto. Foi intenção, desde o início, fazer um trabalho coletivo de investigação, através da pesquisa e do debate de ideias, realizado em equipa entre estudantes e professores, cujo resultado constituísse um objeto particular sobre esta zona da cidade.

Tendo como base material fotografias, mapas, plantas, gravuras, desenhos e ilustrações, foi agrupado esse material de modo a criar uma peça que reunisse um conjunto de temas relevantes para o trabalho, construindo, assim, exposições temáticas (Laboratório Lisboa e o rio, 2021a). (Figura 2).

Figura 2. Recolha das imagens da zona Ribeirinha de Lisboa. Laboratório Lisboa e o rio



Fonte: fotografias TMS, 2020.

O objetivo foi conceber um diagrama conceptual que mostrasse como evolui a zona ribeirinha de uma forma multidisciplinar. Deste modo, foram criadas onze categorias: Topografia, Fronteira/Limites, Memória, Infraestruturas, Paisagens Frágeis, Ícones, Acontecimentos, Mobilidade, Vida, (Im)previsibilidade e Utopia, explicitado com mais detalhe no ponto 4 deste artigo.

A realização de um Atlas Visual da Zona Ribeirinha mostrou-se uma tarefa que podia abrir novas perspectivas e diversas leituras da cidade. Pretendeu-se expressar a riqueza do sítio de modo a dar a ver, a partir de diferentes reconfigurações, todo o material gráfico e iconográfico recolhido da zona ribeirinha de modo a perceber como Lisboa evoluiu até aos dias de hoje. A quantidade de imagens

³ Estas duas abordagens deram origem a dois e-books, o primeiro designado: *Atlas Visual Infinito: Zona Ribeirinha de Lisboa* (Laboratório Lisboa e o Rio, 2021a); e o segundo: *Frente Ribeirinha de Lisboa. Edifícios e Espaços Públicos Contemporâneos 1991-2021* (Laboratório Lisboa e o Rio, 2021b), cujo resultado apresenta quinze intervenções recentes realizadas na zona ribeirinha de Lisboa entre os finais do século XX e a atualidade.

encontrada era muito significativa (Figura 3). Aplicar a metodologia proposta levou-nos a pesquisar outros Atlas.

Figura 3. Pesquisa e seleção das imagens da zona Ribeirinha de Lisboa. Laboratório Lisboa e o rio



Fonte: fotografias TMS, 2020.

3. Estado da arte

Para a realização do Atlas foi feita uma pesquisa de trabalhos semelhantes de vários atlas como: o Atlas Urbanístico de Lisboa, assente em parâmetros quantificáveis (Salgado e Lourenço, 2006); alguns atlas de plantas de projetos de arquitetura, como o Atlas de Plantas Habitação (Schneider, 2001); o *Le Grand Atlas de l'Architecture Mondiale* (Schweizer, 1982), com um carácter ilustrativo e organizado a partir de uma perspetiva espaço-temporal desde a antiguidade até ao século XX. Também outros atlas no âmbito das ciências da vida como o Atlas das Aves Nidificantes em Portugal (Equipa Atlas, 2008) e atlas de botânica, foram referências pesquisadas.

Não seria esse tipo de atlas que nos interessava dado o carácter catalográfico, com que quase todos se encontravam estruturados na consideração dos objetos a tratar. Para além destes, encontramos, no âmbito das Artes Visuais, da Arquitetura e da História da Arte outros atlas que interessaram preferencialmente. O arquiteto João Luís Carrilho da Graça abriu-nos um novo caminho dando a conhecer o Atlas Mnemosyne, de Aby Warburg realizado entre 1924 e 1929 (Warburg, 2010).

Pesquisamos outros como:

a) O projeto atlas em andamento de Gerhard Richter (Curator, 2015), montado em folhas soltas de papel com fotografias (muitas tiradas pelo próprio), recortes de jornais e esboços, começado nos anos de 1960. Gerhard Richter seleciona e organiza elementos visuais em folhas soltas de papel, e tal como o Atlas Mnemosyne, fornece percepções sobre o seu processo de pensamento através da forma como as imagens se associam e de notas reunidas ao longo do tempo. O trabalho reúne 802 folhas abrangendo um período de quase quatro décadas, cujas folhas individuais refletem as diferentes fases da vida e do trabalho de Richter (*Idem*).

b) O atlas de parede de imagens do pintor flamengo do período barroco, David Teniers (1610-1690) designado the Younger exposto na galeria do Arquiduque Leopold Wilhelm (coleccionador de arte e mecenas de arte austríaco, em Bruxelas) em 1647;

c) O museu imaginário de André Malraux, um “museu sem paredes” iniciado em 1947 onde Malraux nos últimos quarenta anos de sua vida, montou, desmontou e remontou reproduções fotográficas para criar *Le Musée imaginaire*, “que é considerado uma das manifestações seminais do arquivo do século XX, juntamente com o Atlas Mnemosyne de Aby Warburg.” (Neatly art, 2013. Tradução nossa).

Outros atlas foram referências, não tão diretas, mas igualmente importantes: i) O “Atlas de Parede.

Imagens de Método de Eduardo Souto de Moura” (Ursprung et al., 2011),⁴ realizado a partir de imagens recolhidas pelo arquiteto foi outra das referências importantes, porque nos ajudou a perceber como o próprio trabalha a partir de imagens, dando-nos a conhecer o seu imaginário visual.

“As muitas imagens que conquistaram o espaço do livro foram sendo recolhidas pelo arquiteto e dialogam com desenhos e projetos originais. Estiveram, ou estão ainda, afixadas nas paredes do seu escritório, arquivadas em gavetas pesadas, penduradas nas paredes de casa e, particularmente, presentes ou latentes no modo como o arquiteto imagina a arquitetura.” (Bandeira e Tavares, s.d).

ii) O Atlas da Almirante Reis (2020) organizado por Filipa Ramalheite, Margarida Tavares da Conceição e Inês Lobo por congregar diferentes perspectivas: históricas e geográficas, arquitetónicas e urbanísticas, assim como, dados inéditos, sobre uma das mais extensas Avenidas de Lisboa.

iii) A exposição de fotografia do Álvaro Rosendo “Aos meus amores _2.0”, realizada na Cisterna Galeria em janeiro de 2020 e cuja primeira versão teve lugar em 1995 na Livraria Assírio e Alvim (Monteiro, 2020), foi também inspiradora porque retrata uma época segundo um determinado olhar, através de uma montagem muito própria relativa à forma como as fotografias estão associadas (Figura 4).

Figura 4. Exposição de fotografia de Álvaro Rosendo, “Aos meus amores _2.0” Cisterna Galeria: janeiro de 2020



Fonte: fotografias TMS, 2020.

Todas estas referências foram inspiradoras, uma vez que mostram conjuntos de imagens que, pela forma como estão associadas, permitem diferentes leituras, cada uma com um imaginário muito próprio. Em todas elas a associação das imagens (na sua maioria reproduções fotográficas), são deslocadas do seu lugar de origem para construir novas narrativas. Neste sentido, é explícito que nestes trabalhos o processo de montagem está subentendido no ato criativo, sendo a forma como se agrupa as peças o próprio ato criativo.

O Atlas Mnemosyne, composto por Aby Warburg entre 1924 e 1929, constituiu a nossa principal referência. O historiador de arte alemão Aby Warburg, “através de um leque conceptual (...) elaborou um modo de produção de saber cujos argumentos são formulados e desenvolvidos pelas próprias imagens quando relacionadas”. (Warnke in Warburg, p. VI, 2010). O Atlas Mnemosyne, abriu o caminho, por um lado, porque o resultado produzido ocorria, não das imagens em si, mas da forma como as imagens se relacionavam umas com outras e, por outro, porque a partir de novas configurações e diferentes analogias poderíamos ter novas leituras da nossa área de estudo. Contudo, fazer um atlas implica uma “ambição desmesurada” (Bandeira in Ursprung et al., 2011, p. 9), à medida que o trabalho

⁴ “O livro reúne textos teóricos sobre a questão da imagem e da sua presença nas metodologias de trabalho da arquitetura elaborados por Philip Ursprung, Diogo Seixas Lopes, Pedro Bandeira e do próprio Eduardo Souto de Moura. A edição foi coordenada por Pedro Bandeira e André Tavares e o objeto desenhado pelo designer João Faria.” (Bandeira e Tavares, s.d).

avançava compreendia-se que fazer um atlas é “como levar um mundo nas costas” (Didi-Huberman, 2010), porque a informação disponível é infinita, dando-nos “uma consciência de impossibilidade. Impossibilidade de controle de limite, de conteúdo.” (Bandeira *in* Ursprung *et al.*, 2011, p.9).

Sobre o Atlas Mnemosyne refere ainda Didi-Huberman:

“Aby Warburg transformou o modo de compreender as imagens. Ele é para a história da arte o equivalente a que Freud, seu contemporâneo, foi para a psicologia: incorporou questões radicalmente novas para a compreensão da arte, e em particular a da memória inconsciente. Mnemosyne foi [a] sua paradoxal obra-prima e seu testamento metodológico: reúne todos os objetos de sua pesquisa em um dispositivo de “painéis móveis” constantemente montados, desmontados, remontados”. (Didi-Huberman, G., 2010, p. 5).

Segundo o historiador de arte alemão Martin Warnke, que estudou e publicou o trabalho infinito do Atlas Mnemosyne (o qual tinha ficado inacabado pela morte do autor em 1929), afirmou que o atlas é compreendido como uma história da imagem composta por 63 pranchas concluídas no projeto da última série inacabada (que ao todo deveria conter 79 pranchas), composta por 971 imagens (Warnke *in* Warburg, 2010, p. VI). De acordo com Warnke, “Warburg elaborou um modo de produção de saber cujos argumentos são formulados e desenvolvidos pelas próprias imagens quando relacionadas, visando promover a ativação das forças nelas contidas” (*Ibidem*). (Figura 5).

Figura 5. Três Painéis do Atlas Mnemosyne (painel 49; painel 53 e painel 60)



Fonte: Warburg, 2010. Painel nº 49 p. 91; painel nº 53, p. 97; painel 60, p. 111.

4. Metodologia

Depois de avaliar os atlas visuais que serviram de referência para o desenvolvimento do trabalho e de pesquisar investigação já desenvolvida sobre a zona ribeirinha, a investigação começou com a recolha de imagens: desenhos, fotografias, cartografia, mapas, gravuras. A informação disponível que encontramos na internet é excessiva. São milhares, as imagens da zona ribeirinha. A intensão não era reunir um conjunto exaustivo de imagens a partir de uma ordem cronológica, nem por um critério simplesmente geográfico ou físico. Também não era reunir um conjunto exaustivo de imagens a partir de uma ordem hierárquica ou tipológica. O objetivo era construir uma narrativa que ultrapassasse os esquemas históricos, geográficos, o inventário exaustivo, a classificação ou a catalogação. A intensão era dar a ver esta zona da cidade de uma forma inteligível a partir de diferentes temas (categorias) considerados adequados para a realização do trabalho de projeto de arquitetura que os estudantes iriam desenvolver. Construir um instrumento de orientação e leitura da zona ribeirinha a partir de imagens, tendo como referência a realidade construída na contemporaneidade e imagens do passado que mostrassem o processo evolutivo naquela zona da

cidade, era o objetivo central. A organização das imagens serviria para orientar e ajudar a perceber como evoluiu o território.

Neste sentido, interessava a possibilidade de ler a zona ribeirinha a partir de imagens, não só da contemporaneidade, mas também de outras épocas e de outros contextos e a partir daí construir uma interpretação da zona ribeirinha.

A pesquisa foi feita essencialmente com base em bibliografia existente e imagens de arquivos online da Câmara Municipal de Lisboa (CML), da Administração do Porto de Lisboa (APL), de jornais, de livros, de blogs e também de sites e páginas web. O contexto de confinamento condicionou o trabalho. No entanto, desmontar as várias coleções que foram recolhidas (cronológicas, geográficas, por arquivo, etc.), para dar a ver modelos alternativos, tornou-se um dos objetivos do trabalho. Com base na grelha conceptual constituída por diferentes categorias, já anteriormente referidas – Topografia, Fronteira/Limite, Memória, Infraestruturas, Paisagens Frágeis, Ícones, Acontecimentos, Mobilidade, Vida, (Im)previsibilidade e Utopia – foram associadas as imagens de modo a compreender o território.

Na linha de Warburg, o qual “não via cada imagem permanentemente fixada a um determinado contexto, mas (...) em cada nova constelação confiava um novo significado” (Warnke *in* Maciel, 2018) foram propostas várias configurações. Assim, tendo como base imagens em diferentes suportes foi-se agrupando material de modo a produzir uma peça capaz de expressar o conjunto de temas relevantes para o trabalho, construindo, assim, exposições temáticas relacionadas com as categorias que foram criadas e que serviriam como guia.

Figura 6. Primeiras experiências para a construção dos painéis para o Atlas Visual para a zona Ribeirinha de Lisboa. Laboratório Lisboa e o rio



Fonte: fotografias TMS, 2020.

Ao combinar imagens diferentes e realizar conexões inesperadas, a partir de diferentes categorias que construíam uma linha de pensamento, descobriram-se olhares diferentes sobre a zona ribeirinha e, com isso, criou-se uma base para a compreensão do lugar para o projeto que se iria desenvolver posteriormente. Nesta medida, fazer o atlas passou a ser “reconfigurar o espaço, redistribuí-lo, desorientá-lo em suma: deslocá-lo ali onde pensávamos que era contínuo, reuni-lo ali onde supúnhamos que houvesse fronteiras.” (Didi-Huberman, 2010, pp. 6-7). A partir de imagens heterogêneas por vezes difíceis de organizar e entender, foi feita uma montagem que abriu a possibilidade de diferentes leituras. Com isso foram realizadas novas descobertas, criando uma geografia alternativa, uma nova forma de ver e dar a ver associando diferentes matérias recolhidas ao longo do tempo.

5. Categorias conceptuais

Organizámos o Atlas a partir de diferentes categorias. A escolha das mesmas teve em conta um conjunto de pressupostos, entre eles, a constatação de que em 2050 o rio Tejo, nesta zona da cidade, subirá cerca de 1 metro em relação ao nível atual (CML, 2019), o que poderá vir a causar danos substanciais na linha de costa atualmente já bastante ocupada. Para a realização das propostas para o aterro da Boavista, foram tidos em conta dois dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), da resolução da Organização das Nações Unidas, nomeadamente o objetivo 11 – Cidades e Comunidades Sustentáveis, e o objetivo 13 – Ação climática, (ODS, s. d.). As diferentes propostas construtivas para o aterro da Boavista pretenderam a adaptação e a redução do impacto no que respeita às alterações climáticas, através da procura de soluções que prevenissem e reduzissem os prejuízos causados pela subida das águas do mar neste troço de cidade.

Sendo o objetivo central das propostas reforçar a resiliência e a capacidade de adaptação a riscos relacionados com o clima e as catástrofes naturais e dar a ver medidas e soluções urbanas e arquitetónicas que mitiguem as consequências negativas relacionadas com alterações climáticas (ODS 13. Ação climática), as escolhas das categorias prendiam-se com: a) dar continuidade aos sistemas de transportes existentes de modo seguro, acessível e sustentável; b) criar espaços urbanos inclusivos e sustentáveis, c) proteger e salvaguardar o património cultural e natural da zona ribeirinha e d) proporcionar o acesso universal a espaços públicos seguros inclusivos, acessíveis e verdes. (ODS 11. Cidades Comunidades Sustentáveis). (ODS, s. d.).

Propusemos como primeira categoria⁵ a **Topografia**, por considerar que “as linhas e pontos notáveis que caracterizam a topografia est[ão] na base dos percursos e assentamentos humanos e, portanto, da construção da cidade e da sua arquitetura” (Sequeira e Rato, 2015, p. 6). Neste sentido, Topografia prende-se com a base onde se constrói a cidade, ou seja, o “suporte inicial” (Carrilho da Graça, 2015, p. 24). Este tópico observa, portanto, as construções da cidade de Lisboa a partir de elementos associados ao seu território de base. Os aterros, as linhas de vale, as linhas de fecho, as colinas, os promontórios e as construções a meia encosta são elementos topográficos marcantes para a apreensão da zona ribeirinha. Tratando-se de uma zona onde a existência dos aterros é predominante, estes elementos, apesar de não pertencerem à topografia inicial do território, são igualmente elementos topográficos de forte relevância.

A segunda categoria, designada **Frenteira/Limite**, prende-se com a relação entre cidade e campo, centro e periferia, dentro e fora, espaço construído e o espaço natural, cheio e vazio. Esta categoria procura explorar a ideia de frenteira enquanto elemento que divide ou separa dois sistemas. Na zona ribeirinha as fronteiras não são estanques ao longo do tempo, umas perduram e outras surgem em períodos mais recentes. Esta categoria mostra as fronteiras que consideramos existirem na zona ribeirinha procurando estabelecer o impacto que as mesmas têm na vida das pessoas, no espaço urbano e na paisagem.

A terceira categoria: **Memória**, centra-se na ideia de que só aprendemos sobre aquilo que conhecemos. As cidades estão sujeitas a constantes mudanças. Os edifícios e os espaços urbanos podem ser vistos como entidades formadas por muitas camadas, sobrepondo-se umas às outras ou até existindo lado a lado. Sendo lugares de transformação, crescimento e retração, as cidades são lugares onde as camadas que se sobrepõem se tornam palimpsestos com o tempo. Este tópico trata das mudanças urbanas, e dos processos de transformação dos espaços urbanos. Reflete o tempo como fator crucial para planear, projetar e construir a partir do entendimento do passado e do presente da zona ribeirinha de Lisboa.

A quarta categoria, **Infraestruturas**, é comumente atribuída à parte invisível de qualquer construção ou estrutura, ou ao conjunto de instalações, equipamentos e serviços que garantem o funcionamento das cidades. Sendo a zona ribeirinha associada à atividade marítima suportada por grandes sistemas de infraestruturas, este tópico procura mostrar partes do invisível da construção, assim como os equipamentos e estruturas que permitem o funcionamento, a circulação e a trocas associadas às diversas atividades da zona ribeirinha.

⁵ Os textos aqui apresentados sobre as 11 categorias conceptuais foram retirados e adaptados do Atlas Visual Infinito: Zona Ribeirinha de Lisboa. (Laboratório Lisboa e o Rio, 2021a).

A quinta categoria, **Paisagens Frágeis**, está associada ao facto de as cidades estarem sujeitas a mudanças constantes. Encontramos muitos espaços na zona ribeirinha que evoluíram de superfícies abandonadas, sem função, decorrentes da pós-industrialização, para lugares que comportam vários usos. São lugares que, a partir das constantes transformações, adquirem cicatrizes que alteram a forma como se vive o espaço urbano e os edifícios. Na zona ribeirinha há cicatrizes da cidade industrial, estruturas históricas que se transformam em espaços de usos contemporâneos, restos do antigo porto, dos mercados, das construções dos aterros, dos cais para atracar de navios, etc.

A sexta categoria, **Ícones**, representa os elementos arquitetónicos e urbanos que se destacam (e se destacaram) na zona ribeirinha de Lisboa. Para Solà-Morales (1998 [1995]) os ícones são edifícios auto referentes, que na maioria dos casos, não obedecem a um plano previamente estabelecido, nem partem de fronteiras claras entre o público e o privado. Porém, estes elementos podem ser encarados como elementos que servem de referência, símbolo ou baluarte. Nesta categoria, são vistos como marcos em relação ao contexto e ao que foi sendo construído ao longo do tempo. Em Lisboa e junto à zona ribeirinha temos vários exemplos de configurações, cujo epicentro no passado eram elementos defensivos ou de entrada na cidade pelo rio ou, mais recentemente, equipamentos culturais ou de serviços reconhecidos como marcos importantes na paisagem da cidade.

A sétima categoria, designada **Acontecimentos**, é atribuída a qualquer ação, acto, evento ou episódio que tenha ocorrido e marcado a vivência da cidade e a zona ribeirinha de Lisboa. Muitos foram os acontecimentos marcantes que decorreram nesta zona da cidade e que fazem parte do imaginário coletivo dos seus habitantes. Esta categoria inclui episódios tão diversos como a chegada da rainha de Inglaterra, a inauguração da ponte sobre o Tejo ou a revolução de 1974.

Mobilidade, a oitava categoria, prende-se com a circulação de pessoas e bens, acessibilidades e formas de abastecimento associadas aos transportes da cidade. Lisboa na segunda metade do século XIX cresceu “para mais do dobro ou do triplo a extensão dos seus limites (...) recebeu e pôs a circular uma nova e imensa multidão de máquinas, viaturas e motores, em terra, mar e água, alterando para sempre a sua imagem e carácter.” (Fernandes, 1994, pp. 18-19). Durante muito tempo o transporte marítimo e a dependência do automóvel tiveram enorme relevância. Atualmente é notória a preocupação com as questões da mobilidade no sentido de evitar a dependência do automóvel. Para tal a mobilidade engloba infraestruturas como linhas de caminho de ferro e de elétricos, circuitos de transportes públicos, ciclovias, semáforos, etc.

A nona categoria, designada **Vida**, liga-se à vivência própria da zona ribeirinha de Lisboa ligada ao rio. A entrada na cidade fez-se durante muito tempo pelo rio e, por isso, esta zona constitui-se como uma porta da cidade. A vida nesta zona mudou as suas características, mas também se foi adaptando aos usos que esta determinava. No passado a vida estava essencialmente ligada ao comércio e à atividade industrial. Essa atividade incluía construção e reparação navais, transportes, comércio de peixe, indústria da alimentação e comércio por grosso, indústrias derivadas do petróleo e do carvão, e ligadas à produção de eletricidade e gás (APL, 1987). Atualmente constitui-se, essencialmente, como uma zona de lazer. Esta categoria centra-se na vida enquanto processo de ocupação e uso da zona ribeirinha.

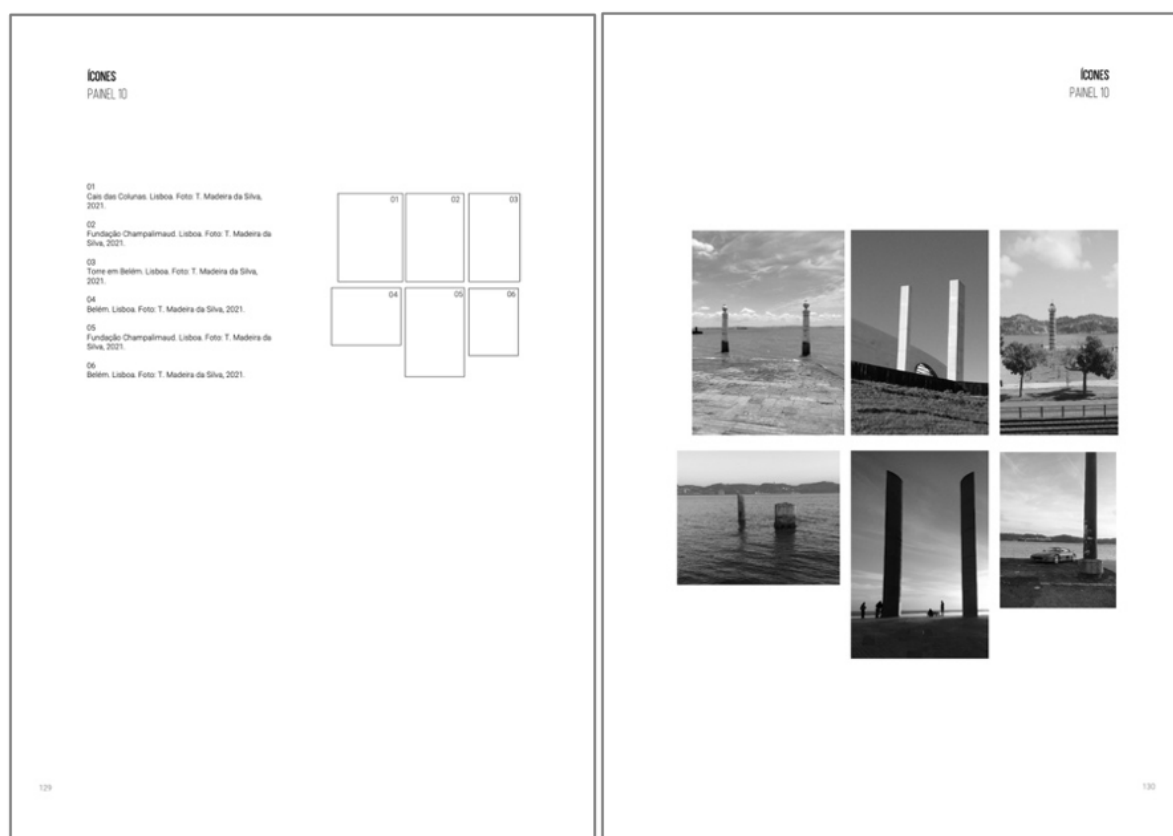
A décima categoria, **(Im)previsibilidade**, associa-se ao facto de as nossas cidades estarem sujeitas a mudanças constantes. Algumas mudanças são facilmente previsíveis, outras, mais imprevisíveis, resultantes de acontecimentos extraordinários e inesperados. A recente pandemia Covid 19 foi um facto (im)previsível que fez mudar os modos de vida, os hábitos, os relacionamentos, a forma de trabalhar, a forma de nos deslocarmos e até como nos cumprimentarmos. Outros acontecimentos imprevisíveis mas, de certa forma, previsíveis aconteceram: terremotos, incêndios, cheias, revoluções, etc. que marcaram a zona ribeirinha de Lisboa. Este tópico mostra os lugares marcados por guerras, catástrofes, terremotos, incêndios, pandemias, entre outros.

A décima primeira categoria: **Utopia**, relaciona-se com o facto de podermos aprender algo com cenários utópicos e distópicos. Considera-se que o pensamento utópico (e distópico) na vida, como também na arquitetura, pode abrir caminho a novas ideias e a novas descobertas. Neste sentido, a utopia confere um sentido ao pensamento arquitetónico, parte de uma realidade, mas implica criatividade e imaginação, acrescenta valor. Como o arquiteto quando projeta, a utopia parte da ideia de que há um campo alargado de possibilidades. Considerou-se esta categoria de modo a compreender como algumas ideias para a zona ribeirinha de Lisboa nos podem mostrar uma visão

de futuro; um futuro que, em alguns casos, já é presente. Em 2050, setenta por cento da população mundial irá viver em cidades (UN-HABITAT, 2022). Nessa altura, com a previsão da subida do nível das águas do mar muitas cidades podem vir a ficar submersas. Precisamos do pensamento utópico, para pensar cidades capazes de acolher e sustentar as pessoas nessas circunstâncias.

O atlas é composto por 92 painéis, divididos nas 11 categorias já mencionadas. Cada painel é composto por duas páginas: a numeração e as legendas das imagens situam-se na página de esquerda, as imagens escolhidas na página da direita. De seguida (Figura 7) apresenta-se um exemplo de organização de um painel: o painel 10 da categoria Ícones, onde as imagens estão agrupadas por similaridade dos elementos verticais.

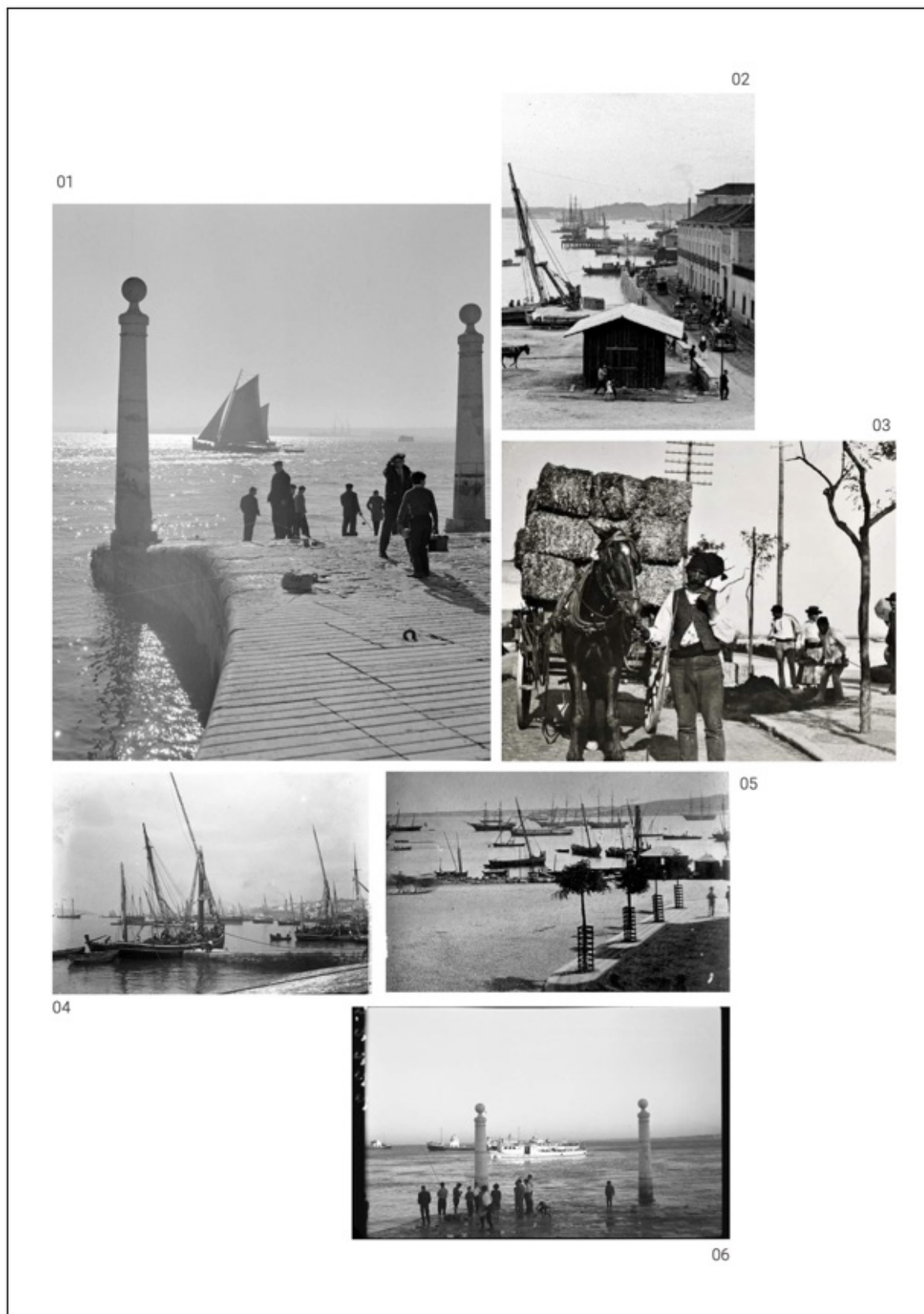
Figura 7. Exemplo de um painel do Atlas Visual Infinito da Frente Ribeirinha de Lisboa. Categoria Ícones, painel 10, pp. 129-130



Fonte fotografias: TMS, 2021.

Para este artigo, foram escolhidos dois painéis de duas categorias: Memória e Vida. Ambos retratam acontecimentos do passado na zona ribeirinha de Lisboa. No painel 4 da categoria Memória, são apresentadas imagens da vivência passada na zona ribeirinha (atividades ligadas à pesca, à distribuição de bens de consumo, e de lazer) e onde é possível identificar a anterior linha de costa. No painel 3 da categoria Vida, são apresentados diferentes modos de vida: vendedoras de fruta à beira-rio, nadadores a tomar banho no rio, crianças a brincar na praia e varinas, relacionadas entre si pelo que o lugar proporciona. Neste painel a única imagem a cores (mais recente que as anteriores), adiciona a mensagem subtil do tipo de vida que existe hoje no mar e no rio.

Figura 8. Categoria Memória. Painel 4. Atlas Visual Infinito da Frente Ribeirinha de Lisboa



Fotografias: 01. Cais das Colunas (entre 195- e 197-), Artur Pastor. © Arquivo Municipal de Lisboa, ART/009/000843.
 02. Largo dos Caminhos de Ferro (ant. 1888), Henrique Maufroy de Seixas. © Arquivo Municipal de Lisboa, CMLSBah/PCSP/004/SEX/000209. 03. Carroça no Aterro, na zona da Ribeira Nova (s.d.), Autor desconhecido. © Arquivo Municipal de Lisboa, POR/050801. 04. Fragatas do rio Tejo (1912), Joshua Benoliel. © Arquivo Municipal de Lisboa, CMLSBah/PCSP/004/JBN/001595.
 05. Panorâmica do rio Tejo vista do cais do Sodré (19--), Henrique Maufroy de Seixas. © Arquivo Municipal de Lisboa, CMLSBah/PCSP/004/SEX/000021. 06. Cais das Colunas (s.d.), Casa Fotográfica Garcia Nunes. © Arquivo Municipal de Lisboa, CMLSBah/PCSP/004/NUN/001902.

Figura 9. Categoria Vida. Painei 3. Atlas Visual Infinito da Frente Ribeirinha de Lisboa



Fotografias:

01. Treinos de Nadadores-Salvadores (1907) Joshua Benoliel. Fonte: Lisboa Ribeirinha, Livros Horizonte, 1994, p. 165.
 02. Vendedor de frutas (1948), Fernando Martinez Pozal. © Arquivo Municipal de Lisboa, CMLSB AH/PCSP/004/POZ/000673.
 03. Crianças a brincar (1892-1896), Autor desconhecido. © Arquivo Municipal de Lisboa, CMLSB AH/PCSP/004/SEX/000024.
 04. Varina (1909), Autor desconhecido. © Arquivo Municipal de Lisboa, CMLSB AH/PCSP/004/NEG/001429.
 05. Over Flow. Visita à exposição de Tadashi Kawamata. Exposição no MAAT. Fotografia: TMS, 2017.

6. Resultados e conclusões

No âmbito do Laboratório Lisboa e o Rio de Projeto Final de Arquitetura 2020/2021 do Mestrado Integrado em Arquitetura do Iscte foi analisada a zona ribeirinha de Lisboa com o propósito de realizar um conjunto de projetos de arquitetura e de desenho urbano para o aterro da Boavista. A justificação para a escolha deste território fundamenta-se no facto de ser uma zona que, desde a fundação da cidade de Lisboa, tem um papel transformador na cidade oferecendo múltiplas problemáticas no contexto das áreas disciplinares da Arquitetura e do Urbanismo. Nos últimos anos assistimos à construção de importantes equipamentos culturais e arranjos do espaço público em zonas industriais portuárias desativadas e obsoletas cujos efeitos são relevantes na transformação de Lisboa e, em particular, naquela zona da cidade. Para além disso, a questão incontornável da subida das águas do mar nesta zona da cidade, consequência das alterações climáticas, é um tema sensível que importa refletir de modo a encontrar soluções que reduzam o impacto em relação ao que já está construído nesta zona da cidade.

No desenvolvimento do trabalho de projeto, para além de reforçar as questões formais, materiais e técnicas da arquitetura, pretendeu-se uma aproximação às questões que envolvem a cidade e o território cruzando a arquitetura e o desenho urbano de forma a consciencializar os alunos acerca da arquitetura como um todo integrado, ou seja, como uma disciplina holística em constante mutação e onde existe um campo ilimitado de possibilidades a partir das dimensões artísticas, sociais, técnicas, poéticas e éticas, tendo como foco central o facto de a arquitetura desenhar a cidade.

A leitura e compreensão do lugar foi um aspeto essencial para a realização do projeto. Pretendia-se uma resposta que tivesse em conta, para além dos aspetos construtivos e estéticos intrínsecos à disciplina da arquitetura, a contextualização de ordem social, histórica, económica, paisagística e cultural do território onde se desenvolveria o projeto.

A realização do Atlas Visual permitiu aos estudantes a leitura e a compreensão das diversas circunstâncias em que se enquadra o ato do projeto, permitindo obter respostas particulares, apropriadas às condições de um determinado problema e de um determinado lugar. A História, as questões sociais e éticas, as características físicas e geográficas do lugar e do território onde se desenvolve o projeto, constituíram os principais pontos de partida das propostas apresentadas. Neste sentido, através das categorias desenvolvidas no Atlas, foram compreendidas características do lugar que fundamentam de forma sólida as propostas apresentadas.

Através do Atlas Visual foi possível identificar quatro etapas de ocupação desta zona da cidade que transformaram a relação entre a cidade e o rio: 1) a primeira etapa centra-se no período anterior à construção dos aterros, quando esta zona tinha um carácter lúdico e onde os banhos de rio era uma prática frequente (ver Figura 9, imagens 01 e 03). 2) A segunda etapa surgiu com a construção do aterro e do muro para conter os terrenos ao longo de toda a costa. Estas obras afastaram o rio da cidade através da construção de grandes superfícies pavimentadas, bloqueando a relação que existia entre as linhas de água e as linhas de fecho e o rio. 3) A terceira etapa prende-se com a implantação do porto de Lisboa e com a vocação portuária que esta zona da cidade adquiriu, determinando e condicionando a relação dos habitantes com a frente ribeirinha, enfatizando a separação entre o rio e a cidade. 4) A quarta etapa alude ao período de reorganização das atividades portuárias que permitiu a transferência de muitas atividades para outros lugares pondo à disposição da cidade vastas áreas ribeirinhas, potenciando a sua transformação e adaptação a novas utilizações⁶.

Decorrente da compreensão do lugar através da criação do Atlas, as propostas apresentadas, embora diferentes, tinham como aspetos comuns: a articulação entre a cidade consolidada e a frente ribeirinha quebrando a barreira decorrente da existência da linha de comboio (Lisboa-Cascais) através de passagens aéreas pedonais e cicláveis; a criação de áreas verdes integradas numa lógica de redução das grandes superfícies impermeáveis existentes, para usufruir da paisagem do rio e dar continuidade ao sistema ciclável e pedonal ao longo da margem do rio; a criação de edifícios singulares (ícones) acrescentando valor ao lugar à semelhança de muitos já existentes como o Mosteiro dos Jerónimos, a Torre de Belém, o Centro Cultural de Belém e, mais recentemente o

⁶ Esta etapa permitiu olhar para a zona ribeirinha de outro modo. O Parque das Nações foi a grande operação de requalificação urbanística na zona oriental da cidade, levada a cabo para a realização da EXPO'98 servindo de mote e impulsionando uma série de outras intervenções ao longo de toda a frente ribeirinha.

MAAT, o Terminal de Cruzeiros ou a Fundação Champalimaud; a reabilitação das infraestruturas portuárias desativadas em espaços de lazer, como o grande armazém do lado poente do aterro da Boavista, que não só evoca a memória do lugar, como a vocação industrial, proporcionando uma grande flexibilidade no uso daquele espaço.

A problemática da subida das águas do mar e a adaptação do tecido urbano existente no aterro a Boavista a novos contextos e a novas formas de ocupação em zonas de frentes de água foram centrais nas propostas apresentadas. As principais estratégias de defesa e adaptação das frentes ribeirinhas face à subida do nível da água compostas por medidas de adaptação e mitigação que visam adaptar as cidades à subida do nível do mar foram estratégias consideradas nas propostas apresentadas. As estratégias de Recuo, Defesa e Ataque, que permitem minimizar os danos das alterações climáticas foram igualmente consideradas. Estas estratégias plasmavam-se na criação de muros, plataformas elevadas, construção de novos edifícios a cotas mais elevadas, praças inundáveis ou bacias de retenção de água que permitem que a água invada as áreas ocupadas, mas de forma controlada, assumindo uma nova relação entre o construído e a água. Estando esta zona da cidade entre as principais infraestruturas inundáveis da cidade de Lisboa, a atenção aos edifícios existentes no aterro foram consequência da compreensão da aplicação de medidas de prevenção a cheias de modo a torná-los acessíveis e utilizáveis no futuro. Em particular as soluções para esta questão passaram pela criação de zonas de lazer para uma piscina pública que enchia com a maré alta, ou através de operações inversas à criação dos aterros, como a alteração da linha de costa de forma a criar um vazio numa das anteriores linhas de água criando um canal de circulação de água até ao rio.

A zona ribeirinha como lugar em transformação, crescimento e até encolhimento, é constituída por camadas que se sobrepõem, com o tempo. A urbanização, as crises, as mudanças climáticas, as guerras, os tempos de recessão e ascensão e até a pandemia mudaram tanto a forma como vivemos o espaço urbano como o próprio espaço urbano. Neste sentido, a construção do Atlas deu a possibilidade de ler a zona ribeirinha a partir de imagens não só da contemporaneidade, mas também de outras épocas e de outros contextos e a partir daí construir uma interpretação que informasse o projeto que os estudantes iriam realizar para a zona do aterro da Boavista.

Com a criação do Atlas podemos ter uma leitura a partir de um conjunto de categorias cruzando épocas, com imagens de diferentes suportes: fotografias, gravuras, desenhos, pinturas, mapas, projetos, manuscritos, notícias, planos, etc. que nos permitiu abrir a possibilidade de obter respostas adequadas tendo em consideração o lugar atual, o seu passado e o que se adivinha num futuro próximo, de modo a encontrar estratégias fundamentadas em escolhas ponderadas para a elaboração dos projetos de arquitetura.

Bibliografia

Antunes, C., Catita, C., Rocha, C. (2017). *Estudo de Avaliação da Sobrelevação da Maré Determinação da Cartografia de Inundação e Vulnerabilidade da Área Ribeirinha de Lisboa afetada pela Sobrelevação da Maré como consequência da futura subida do Nível Médio do Mar*. Instituto Dom Luiz Faculdade De Ciências Da Universidade De Lisboa. EMAAC - Estratégia Municipal de Adaptação às Alterações Climáticas da Câmara Municipal de Lisboa.

APL (1987). *100 anos do Porto de Lisboa*. Lisboa: APL.

APL (s.d.). *Centro de documentação*. <https://www.portodelisboa.pt/>

Bandeira, P. (2011). Tudo é Arquitectura. In P. Ursprung, D.S. Lopes, & P. Bandeira, P. *Eduardo Souto de Moura: atlas de parede, imagens de método* (pp. 9-23). Dafne Editora.

Bandeira, P. Tavares, A. (s.d). *Eduardo Souto de Moura: atlas de parede, imagens de método*. <https://dafne.pt/livro/eduardo-souto-de-moura/>

CML (2019). *Cartas de risco de inundação por tsunami para o município de Lisboa*. https://informacoeseservicos.lisboa.pt/fileadmin/informacoes_servicos/dossiers/resiliencia_urbana/tsunami/Cartas_risco_tsunami.pdf

- CURATOR (2015). *Things that inspire us: Gerhard Richter's Atlas, 1962-2013*. <https://curator.co/things-that-inspire-us-gerhard-richters-atlas-1962-2013/>
- Didi-Huberman, G. (2010). Atlas Como levar o mundo nas costas? *Sopro*, 41. Cultura e Barbárie. (Tradução de Alexandre Nodari), 3-7. <https://culturaebarbarie.org/sopro/n41.pdf>
- Equipa atlas (ed.) (2008). *Atlas das Aves Nidificantes em Portugal*. Instituto da Conservação da Natureza e da Biodiversidade. Lisboa: Assírio & Alvim.
- Fernandes, J. M. (1994). Introdução. In AA. VV. (1994). *Lisboa em movimento/Lisboa in motion 1850-1920* (pp. 17-21). Lisboa: Livros Horizonte.
- Graça Dias, M. (2015). Contraposto ao Tejo. In AA.VV., *Museu Nacional dos Coches. Lugar, projeto e obra*. Lisboa: Uzina Books.
- Laboratório Lisboa e o Rio (coord. Madeira da Silva, T.) (2021a). *Atlas Visual Infinito: Zona Ribeirinha de Lisboa*. Lisboa: Laboratório Lisboa e o Rio, Iscte – Instituto Universitário de Lisboa, CRIA-Iscte, DINÂMIA'CET- Iscte. <http://hdl.handle.net/10071/23314>
- Laboratório Lisboa e o Rio (coord. Madeira da Silva, T.) (2021b). Frente Ribeirinha de Lisboa. Edifícios e Espaços Públicos Contemporâneos 1991-2021. Lisboa: Laboratório Lisboa e o Rio, Iscte - Instituto Universitário de Lisboa, CRIA- Iscte, DINÂMIA'CET-Iscte. <http://hdl.handle.net/10071/23313>
- Lisboa Ribeirinha (1994). *Um projeto do departamento de intervenção urbana da sociedade Lisboa 94*. Lisboa: Livros horizonte.
- Maciel, J. C. D. S. (2018). Atlas Mnemosyne e saber visual: atualidade de Aby Warburg diante das imagens, mídias e redes. *Revista Ícone, Pernambuco*, 16(2), 191-209.
- Madeira da Silva, T. (2023). Grandes projetos contemporâneos da frente ribeirinha de Lisboa: estudo do território e formas de intervir. In P. Tormenta Pinto, A. Brandão, *Os Grandes trabalhos e o Desejo da Cidade de Exceção. Duas décadas de transformação urbana e arquitetónica em Portugal* (pp. 237-243). Circo de Ideias.
- Madeira da Silva, T.; Di Giovanni C. (2021). Sete edifícios para a zona ribeirinha de Lisboa. *Cidades, Comunidades e Territórios*, 43, 85–103, <https://revistas.rcaap.pt/cct/article/view/24731>
- Monteiro, L. G. (2020). *Folha de sala da Exposição Aos meus amores _2.0*. Lisboa: Cisterna Galeria. https://www.cisterna.pt/pt/artistas/alvaro-rosendo_11
- NeatlyArt (2013). *Le Musée Imaginaire" By André Malraux*. <https://neatlyart.wordpress.com/2013/05/30/andre-malraux-chez-lui-maurice-jarnoux-over-the-last/>
- ODS (s.d.). *Agenda 2030. Objetivos de Desenvolvimento Sustentável*. <https://ods.pt/ods/>
- Salgado, M., Lourenço, N. (2006). *Atlas Urbanístico de Lisboa*. Lisboa: Argumentum.
- Schneider, F. (2001). *Atlas de Plantas Habitação*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili.
- Schweizer, H. (1982). *Le Grand Atlas de l'Architecture Mondiale*. Encyclopaedia Universalis. France S. A.
- Sequeira, M.; Rato, S. (2015). Uma exposição de arquitetura. In J.L. Carrilho da Graça, *Carrilho da Graça: Lisboa* (pp. 6-7). Lisboa. Dafne Editora.
- Soares, L. B. (1996). Lisboa - Cidade Ribeirinha á Procura do Futuro. Viragem Cultural e Política na Frente de Rio. In L. Trigueiros, C. Sat, C. Oliveira (eds.). *Lisbon Word Expo 98. Projects*. Lisboa: Editora Blau Lda, pp. 19-23.
- Solá Morales, M. de (1998). *Diferências, Topografia de la arquitetura contermpranea*. Barcelona: GG.
- Trigueiros, L., Sat, C., Oliveira, C. (editores, 1998). *Expo'98. A Exposição Mundial de Lisboa-Arquitectura*. Lisboa, Blau.
- UN-HABITAT (2022). *World cities report 2022: envisaging the future of cities*. UN. https://unhabitat.org/sites/default/files/2022/06/wcr_2022.pdf

Ursprung, P., Lopes, D. S., & Bandeira, P. (2011). *Eduardo Souto de Moura: atlas de parede, imagens de método*. Dafne Editora.

Warburg, Aby (2010). *Atlas Mnemosyne* (Versão castelhana de Fernando Checa e Trad. Joaquim Chamorro Melke). Madrid: Ediciones Akal. [original: Der Bilderatlas Mnemosyne (2003) Editado por Martin Warnke e Claudia Brink. Berlim, Akademie Verlag].

Como citar este artigo:

Madeira da Silva, T., Di Giovanni, C. (2026). Reconfigurar o espaço com base em imagens: Atlas Visual Infinito da zona ribeirinha de Lisboa. *CIDADES, Comunidades e Territórios*, sp26, e20260340912. <https://doi.org/10.15847/cct.40912>

Teresa Madeira da Silva, DINÂMIA'CET-Iscte, Instituto Universitário de Lisboa, Portugal.

E-mail: [teresa.madeira \[at\] iscte-iul.pt](mailto:teresa.madeira@iscte-iul.pt)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8413-7036>

Contribuições para o artigo: concetualização, curadoria dos dados, investigação, metodologia, validação, visualização, redação do original, revisão e edição.

Caterina Di Giovanni, Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, Portugal.

E-mail: [caterina.digiovanni \[at\] ics.ulisboa.pt](mailto:caterina.digiovanni@ics.ulisboa.pt)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2713-0118>

Contribuições para o artigo: curadoria dos dados, investigação, metodologia, validação, visualização, redação do original, revisão e edição.